

“O Sonho”

Ópera de Pedro Amaral
a partir dos fragmentos para “Salomé”
de Fernando Pessoa

Libreto

I. Incipit

F. PESSOA – Eu vejo, diante de mim, no espaço incolor mas real do sonho, as caras, os gestos, de Caeiro, Ricardo Reis e Álvaro de Campos.

II. Monologo de Salomé

SALOMÉ – A minha beleza faz os homens sonâmbulos, e o encanto da minha voz distrai-os de sonhar. As suas preferidas odeiam-me sem saber se existo, porque entre as palavras vagas dos seus discursos amorosos, a minha imagem embarga as frases e elas sentem-me passar, como um canto de sereia, nos esquecimentos da voz, e nos abrandamentos dos braços e das mãos, que cingem ou que apertam. Sou o perfume que, uma vez sonhado, lhes faz aura à imaginação, e não poderão ter esposa, nem noiva, nem até irmã a que acarinhem, porque se lembram de que eu sou a princesa que um dia lhes foi toda a vida.

Os escravos rastejam com os olhos quando mal me podem olhar. Passo entre as alas dos soldados e sinto-os que tremem como folhas ao vento. Levarão saudades desse momento como de uma grande maldição, e acordarão nas grandes noites de estio, quando o suor entra na alma, pávidos da memória sinistra que vive do meu perfil entrevisto, dos meus olhos desviados, do recorte das minhas sobrancelhas muito negras contra a pele morena muito branca da minha fronte coroada de sombras.

As escravas invejam-me com amor, e cada uma sonha, a sós com o leito sem outro peito, em como haveriam seus olhos de fazer amar os cães, e seus gestos de fazer relinchar os cavalos, nas grandes noites em que a virgindade se sente nas entranhas.

Os gatos roçam-se contra as minhas pernas e sentem-se tigres até ao sexo. As aves cantantes calam-se quando passo, e as rosas altas roçam pela minha face porque eu tenho o privilégio dos caminhos.

Mas eu sou a adormecida.

Eu, filha de Herode, não tenho dia em que não queira a noite nem noite que não anseie pelo dia. A minha vida é uma planície a que se segue outra

planície. Não raia sol que me traga a alegria do outro, nem lua que me lembre mais os sonhos.

Dizem que sou a maravilha, mas eu não sei quem sou. Habita em mim um fluido de desastres que cai sobre as épocas futuras como uma chuva que é nevoeiro.

Sou fatal como as noites e os Outonos, e no meu coração há já uma saudade de todos quantos matarei.

III. Desdobramento

[a partir deste ponto, a maior parte do texto enunciado por Salomé e as suas Aias é cantado conjuntamente pelas três; as indicações de personagem, no início de cada fala, indicam aquela que a inicia]

(SALOMÉ) – Trazei, disse, vossos sonhos para este terraço de onde se vê o mar. Quero sonhar convosco em voz alta, e que a minha voz teça com as vossas o casulo de uma história em que nos fechemos da vida.

Sinto-me menos imortal que as cousas que sonho.

AIA I – Quando o sol nasce ou morre, a minha sombra é infinita.

AIA II – Projecto-me quando sonho sobre todas as épocas.

SALOMÉ – Quando sonho sinto que não morro.

AIA II – É quando acordo, e escuto com o meu sangue, que eu ouço passar a vida.

AS TRÊS – Sonharemos, sonharemos o mesmo sonho. Se o sonharmos todas, ele será mais belo do que é, e terá uma vida longínqua e trémula como a candeia das imagens que vivem no fim do mundo.

AIA I – Mas como, senhora, sonharemos juntas?

SALOMÉ – Se uns vivem juntos, porque não sonharão juntos outros? Há alguma diferença entre o sonho e a vida?

AIA I – Tenho sono, e gostaria de sonhar; mas não quero dormir, porque os sonhos, quando se dorme, são de outra alma, e cruzam-se com os que desejaríamos ter, como os peregrinos nas encruzilhadas.

SALOMÉ – Eu farei para mim um sonho, e esse sonho será uma história. Irei contando alto essa história, e vós ouvireis e sonhá-la-eis comigo.

Uma ou outra de vós, quando a história lhe for ensopando a alma, me irá dizendo o que vê na alma dessa história, e que eu me esquecesse de contar. Será como um canto em que cantemos juntas no sentido, e cada uma por sua vez na voz. Dizei-me que pode ser assim, para que eu possa sonhar a história que há-de ser.

AIA I – [Ah] Se a história for bela, senhora, será pena que fosse apenas sonho; se não for bela, será pena que se houvesse contado.

SALOMÉ – Se a sonharmos bem e for bela, e por isso a sonharmos bem, será mais que um sonho: nalgum lugar, nalgum momento, ela terá de ser, porque as coisas que acontecem não são senão como são narradas depois.

O que aconteceu ninguém o sabe, porque ninguém sabe o que está acontecendo; os olhos têm a venda de ver e os ouvidos estão tapados com o ouvir.

AIA II – Os livros grandes que meu Pai lê contam coisas maravilhosas do passado.

(4) (3:18)

SALOMÉ – Essas coisas são narradas, porém talvez nunca se dessem. Mas as coisas deram-se porque são narradas.

AS TRÊS – Que temos nós com o que foi? O que foi é morto e como se não fora nunca. O mais é pensar de loucos ou de crianças,

AIA II – que querem a verdade ou a lua nas grandes noites de verão, como esta em que a alma é ampla e triste.

(REPETIÇÃO)

SALOMÉ – Eu farei para mim um sonho, e esse sonho será uma história. Irei contando alto essa história, e vós ouvireis e sonhá-la-eis comigo.

Uma ou outra de vós, quando a história lhe for ensopando a alma, me irá dizendo o que vê na alma dessa história, e que eu me esquecesse de contar.

AS DUAS AIAS – Assim seja, senhora, e sonhemos. Começai vós, que quereis começar, e tendes a voz das fontes escondidas, e os gestos, quando acaso os abris, das palmeiras que mostram que há vento, quando não há vento que toque nas pálpebras, nem brisa que roce na face a distração dos cabelos.

SALOMÉ – Esperai, que quero ver...

IV. O Sonho

AS TRÊS – Havia, no deserto para além do deserto, entre a parte dos desertos que é rochedos, e a solidão é mais dura do que nas areias e a alma mais triste que ao pé das palmeiras, um homem que queria um deus, porque não havia deus dos homens que habitassem naqueles desertos nem naquela alma.

Queria um deus com mais sede que a da água, e mais fome que a dos frutos que são como água e são doce, e para os quais as crianças estendem o olhar e a mão.

Esse homem chamava-se João, porque no meu sonho se chama João. É um nome de entre os hebreus, mas não há felizmente profeta ou rabino de entre eles que ainda usasse dele.

Esse homem clamava nos desertos a vinda do deus que queria, e clamava-a porque a queria e não porque ela houvesse de ser. Mas ele clamava tanto que sem dúvida o ouviria esse deus que ele estava criando.

AIA I – E o deus viria em sua hora, porque para quem sonha não há hora, nem se desencontra a alma com o seu destino.

SALOMÉ – Quero, com todo o meu sonho, que este sonho seja verdadeiro.

AIA II – Quero que fique verdade no futuro, como outros sonhos são verdades no passado.

AIA I – Quero que homens morram, que povos sofram, que multidões rujam ou tremam, porque eu tive este sonho.

SALOMÉ – Quero que o profeta que imaginei crie um deus e uma nova maneira de deuses, e outras coisas, e outros sentimentos, e outra coisa que não seja a vida.

AIA II – Quero tanto sonho que ninguém o possa realizar.

AIA I – Quero ser a rainha do futuro que nunca haja, a irmã dos deuses que sejam amaldiçoados, a mãe virgem e estéril dos deuses que sejam amaldiçoados, dos deuses que nunca serão.

[Pode ouvir-se um grito fora de cena.]

V. Epifania e morte

AS TRÊS – O que é esse grito na noite, lá em baixo?

ESCRAVO – Trouxeram ao Tetrarca a cabeça de um bandido.

AS TRÊS – Tragam-me a cabeça do bandido. Tragam-ma numa salva de ouro.

[O Escravo dá a Salomé a cabeça do bandido. Salomé pega na cabeça e observa-a.]

AS TRÊS – De quem é essa cabeça?

ESCRAVO – De um bandido que matava nas aldeias.

AS TRÊS – Não quero que seja de um bandido que matava nas aldeias. Quero que seja de um santo que criasse deuses.

ESCRAVO – Era de um bandido que matava nas aldeias.

SALOMÉ – Aproxima de mim a salva.

AIA II – Vede como as pálpebras podem ser de um sonhador, e a boca de um pecador arrependido ou de um asceta que nunca pecou.

SALOMÉ – As faces têm rugas – podem ser de vigília ou de ódio, mas isso importa muito pouco, porque estamos criando a história. Afasta um pouco mais a cabeça. Quero vê-la, mas não quero vê-la bem. Afasta mais ainda. Aí, onde está, a luz do luar dá-lhe como um malefício.

AIA I – Quantos lares mais lhe não darão no sonho que outros terão do meu!

SALOMÉ – Leva-a mais para longe. Estou cansada. Sonhei demais.

AS TRÊS – Que homem era esse?

ESCRAVO – Era um bandido que matava nas aldeias.

AIA II – Não te disse eu que essa cabeça era de um santo que fazia deuses?

AS TRÊS – Chamai o capitão da guarda – o que é louro e triste.

CAPITÃO – Chamastes-me, senhora?

AS TRÊS – Chamei. Está ali um homem com uma salva.

CAPITÃO – Senhora, vejo.

AS TRÊS – Na salva está a cabeça de um santo que criava deuses. Reparais no homem que tem a salva na mão?

CAPITÃO – Senhora, reparo.

AS TRÊS – Esse homem desmentiu-me. Quero que mateis esse homem.

CAPITÃO – Senhora, que mate esse homem?!

AS TRÊS – Não é matar vosso mister?

CAPITÃO – Senhora, que mate esse homem?

AS TRÊS – Tendes a espada e a minha ordem. Que mais razão podeis pedir ao destino?

(O capitão desembainha a sua espada e mata o servo. Este cai com a salva, lentamente, em silêncio. As aias saem, acompanhadas pelo capitão. Entra o Tetrarca.)

VI. Largo desolato

[a partir deste ponto, o papel de **Salomé** é cantado pela **Aia II**]

HERODES – Que novo sonho é este, ou que novo capricho? Que malícia fez que se trouxesse aqui esta cabeça que pedi me fosse levada? Quem a desviou dos meus olhos para os teus?

SALOMÉ – [Ah] É a cabeça de um bandido que matava nas aldeias.

HERODES – Não é. Esta é a cabeça de um santo que estava a criar deuses pelos desertos.

Mandei-o matar e quis que me trouxessem a sua cabeça.

Porque foi que a pediste?

SALOMÉ – Porque foi que a pedi? Porque foi que a pedi? Não sei. Não sei. Que foi isso que dissestes, senhor, que me tira a alma toda do coração. Não digais que me dissestes a verdade. Ah, que talvez o sonho não crie mas veja.

HERODES – Que vinho de luar te embebedou? Aquela cabeça era de um santo que cantava nos desertos a memória dos deuses futuros.

SALOMÉ – Não era: era de um bandido que matava nas aldeias. Pai, tenho sono. Retirai-vos, pai, tenho sono, quero dormir. Deixai a salva aí no chão, com a cabeça.

VII. Analepse

[a partir deste ponto, o papel de **Aia II** é cantado por **Salomé**]

AIA II – O que é que vós sonhastes?

AIA I – Que o meu pai dava um banquete e eu dançava diante dos convivas. De tal maneira eu dançava que o meu pai me dizia: pede-me o que quiseses. E eu pedia a cabeça daquele doido que prenderam há dias.

AIA II – Os homens falam dele.

AIA I – De que estão aqueles homens falando?

AIA II – Do vosso modo de dançar. Dês gestos que fazeis quando dançais.

AIA I – Que gestos faço eu?

AIA II – As cousas em que estais pensando estão fazendo gestos no ar.

VIII. Epílogo

HERODES – Ao fundo do meu passado Salomé dança. As graças debruçam-se sobre o alvejar das suas espáduas. Suas carícias são nervosas e rápidas, mas pelo sabor do seu contacto parecem demoradíssimas.

Os seus dedos sabem de cor o mistério das volúpias incompletas. Secam oásis nos seus lábios cansados. Apagam-se lâmpadas nos contornos dos seus arremedos.

Lá fora o luar é de prata... Enroscam-se as sombras sob a lua alta, e o vento sacode-as quando passa... Calam-se os espaços entre árvore e árvore, entre bosque e bosque...

Há ilhas remotas na paisagem...